

PARECER B

Desconstrução dos ideários capitalistas de desenvolvimento e modernização na América Latina: a perspectiva crítica decolonial¹

Luciana Lenoir²

Maria da Luz Alves Ferreiras³

Maria Janine Dalpiaz Reschke⁴

Completo em: 2022-09-30 03:29

Recomendação: Submeter novamente para avaliação

1. O título é compreensível e conciso e reflete o conteúdo do artigo:

2. O resumo é bem escrito, apresentando introdução, objetivos e conclusões, refletindo o todo do artigo.

3. As palavras-chaves estão adequadas ao artigo.

4. O artigo é escrito com linguagem e gramática adequada.

¹ <https://doi.org/10.21669/tomo.v42i.17841>

² Universidade Estadual de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: lucianalenoir74@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-5105-5923>

³ Universidade Estadual de Montes Claros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mluzferreiraalves@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5240-163X>

⁴ Faculdades Integradas de Taquara. Taquara, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: mjanine@terra.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3456-749X>

5. O artigo é bem estruturado e com argumentação coerente, com introdução, desenvolvimento, conclusão.

Parcialmente ▼

6. O artigo utiliza formato e bibliografia adequados, com citações e notas concisas e coerentes.

Sim ▼

7. O argumento é original e inovador para as Ciências Sociais e representa contribuição significativa para área:

Parcialmente ▼

8. Escreva seu parecer avaliativo conciso sobre o artigo argumentando sobre os pontos negativos e positivos.

O trabalho é bem escrito e mobiliza o referencial teórico coerente com a proposta de investigação.

Contudo, o artigo enfrenta um problema estrutural na concepção básica a qual se propõe a defender.

Nas considerações finais, condizente com o desenvolvimento do trabalho, diz: “Os conceitos de desenvolvimento e de subdesenvolvimento foram delineados pelos padrões hegemônicos de poder estabelecidos pelos estadunidenses após a Segunda Guerra Mundial” p. 24

Em toda a primeira seção faz o esforço de tentar comprovar esse argumento, o que demonstra um limite na capacidade de apreensão da discussão sobre o desenvolvimento para além do campo sociológico, visto que no campo das ciências econômicas – campo original do debate sobre o desenvolvimento – a abordagem proposta pela CEPAL, através de Raúl Prebisch, particularmente em “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais” de 1948, inaugura uma nova abordagem da questão do Desenvolvimento, que será desenvolvida no âmbito da CEPAL, e pelo economista brasileiro Celso Furtado como teoria do subdesenvolvimento. Essa abordagem surge em oposição a uma posição hegemônica sintetizada pela teoria das vantagens comparativas de David Ricardo (economista clássico).

A nota de rodapé n. 1, que menciona Adam Smith e por Joseph Schumpeter, é insuficiente para dar destaque a concepção dominante de desenvolvimento no campo da ciência econômica, que irá aparecer, desde uma abordagem

“economicistas”, com destaque no Modelo de Solow (Robert Solow, economista estadunidense) na década de 1950.

A abordagem histórico estruturalista cepalina, sem isentá-la de seus problemas, representou naquele contexto uma influente tentativa de mostrar a nova mundialização do capitalismo, diferenciando centro e periferia – como chama atenção Aníbal Quijano em “Colonialidade do Poder e Classificação Social”, se quisermos usar um sociólogo.

Desse modo, o argumento defendido no artigo sofre de uma contradição profunda: uma coisa são as noções de Desenvolvimento e Subdesenvolvimento formulados no âmbito da CEPAL, outra coisa são as noções de Desenvolvimento e Subdesenvolvimento, tal qual formuladas no âmbito dos padrões hegemônicos de poder estabelecidos pelos estadunidenses. São formulações que apontam para questões distintas, as análises do subdesenvolvimento prévias a CEPAL (hegemonizadas pelo pensamento econômico eurocêntrico/estadunidense), entendiam-o como insuficiência de desenvolvimento, portanto uma etapa prévia ao mesmo, enquanto que a abordagem estruturalista latino-americana, com destaque Celso Furtado, entendia o subdesenvolvimento como uma situação histórica particular, engendrada no processo de desenvolvimento do capitalismo mundial, no qual um conjunto de países foram relegados a tal posição na divisão internacional do trabalho. A abordagem hegemônica/estadunidense apontava para um modelo agrário exportador, enquanto a abordagem cepalina apontava para um modelo industrialista.

Ainda que seja possível lançar a crítica desde a perspectiva decolonial ao legado do pensamento histórico estruturalista latino-americana, é preciso reconhecer seus méritos e avançar a partir daí, ao invés de associá-lo ao espantinho estadunidense e descartá-lo completamente. Alguns dos autores mobilizados no artigo fazem esse movimento crítico num sentido dialético: Florestan Fernandes e Aníbal Quijano, para citar dois. Os teóricos marxistas da dependência – Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra e Theotonio dos Santos – fazem uma crítica profunda ao pensamento cepalino, também no sentido dialético, sem associá-la ao pensamento hegemônico estadunidense.

Além disso, a partir da seção 2, ao debater modernidade não faz a mediação necessária. Por exemplo, no Brasil, a modernização conservadora em curso após o golpe de 1964 (sobretudo associada ao economista Delfim Netto) pouco ou nada tem de relação com o pensamento cepalino. Ainda que tenha uma base

industrialista, a modernização conservadora no Brasil corresponde a uma forma distinta de perceber o problema do subdesenvolvimento.

A discussão sobre o “Consenso de Washington” (p. 11 e 12) aparece deslocada, uma vez que não tem mediação. A hegemonia neoliberal advém da crise da hegemonia desenvolvimentista. No trabalho aparecem quase como continuidade.

Na seção 3, logo no início, diz: “desde a década de 1930 predominava o modelo keynesiano de política e prática econômica que foi responsável por explorar a ideia de que o investimento é considerado como o gasto não adotado com objetivos imediatos de consumo” p. 12. O que não corresponde inteiramente. A obra principal de Keynes “Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda” é de 1936, de modo que seu pensamento vai consolidar-se com posição de destaque principalmente após a segunda grande guerra. O que aconteceu no Brasil, por exemplo, em termos de Industrialização por substituição de importações foi puramente acidental. Celso Furtado investiga esse processo nos capítulos finais do seu “Formação Econômica do Brasil”.

Como já mencionei, o trabalho, tal qual proposto - lançar uma crítica decolonial ao pensamento estruturalista latino-americano - é possível de ser feito, até interessante. Mas para isso é preciso entender o alcance dessa abordagem, diferenciando-a tanto da forma hegemônica estadunidense de entendimento do desenvolvimento (bem sintetizada no modelo de crescimento de Solow), bem como dos processos de modernização conservadora levados adiante pelos governos militares (particularmente no Brasil), que tem por base uma leitura distinta de desenvolvimento.

Seu parecer é:

Pela publicação com ressalvas (atendendo as observações de sua avaliação descritiva)

Recomendação

Submeter novamente para avaliação